

O Remédio É Naufragar

Antero Monteiro



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

O Remédio é Naufragar

(Manuel Laranjeira despedindo-se...)

Chamam-te cão à míngua
de um monstro familiar como tu és
que vens mostrar-me a língua
e ladrar impropérios aos meus pés
5 É pouco chamar cão
a quem não se condói da dor tamanha
e com uma só mão
agarra num barquito da companha
e quase ali nos olhos dos petizes
10 atira os pobres pais
e os irmãos infelizes
ao silêncio das algas sepulcrais
E depois com escárnios demorados
vens soltar gargalhadas bem defronte
15 das viúvas de olhos degolados
no gume do horizonte
Chamar-te cão é pouco
Bandido malcontente vens de noite
violar-nos as portas rouco e louco
20 sem que Virgem alguma nos acoite
E as faces esculpidas
de sol e sal ó mar
como podem chorar
o saque à vila às vigas e às vidas
25 Já me bastava biltre
o ribombar das vagas
o fedor dos bichitos que tu esmagas
treinando horrores maiores naquele
molhe
30 Já me bastava a bruma matutina
esta parda neblina
que meus pulmões e a própria alma tolhe
Já me bastava quando
vertiginoso o vento uivando vaias



35 vem vergar a navalha nestas praias
as dunas e areais escanhoando
É o norte desnorteado
um louco alucinado
e sem escolta
40 que a Estrela Polar deixou à solta
pelas ruas de Espinho vagabundo
e vai daqui calcorrear o Mundo
Já me bastava Atlântico
este pendor romântico
45 para achar tudo gris
e usar esta palavra tão sombria
p'ra definir a vida a noite o dia
a vila o meu país
Mas tive de juntar numa aliança
50 mil forças contra a tua força oceano
sim contra ti na fúria do teu dano
pois rejeitas as tréguas e a bonança
e cego p'la voragem
não mais largas a presa
55 enquanto vive
Neerlândia portuguesa
da tua rapinagem
Espinho há-de ser livre
Sim tive que provar ó mar dum raio
60 a todos quantos me olham de soslaio
que provar outra vez
que não sou tão-somente
nebulosa de fumo e de aguardente
a um canto do Chinês
65 ou mera e solitária cabeleira
a erguer-se vacilante da cadeira
e a sair da sala
dependurando o espectro na bengala
Em mim vêm o céptico
70 o místico
o tabético
o héctico
o sifilítico



o amigo do seu umbigo
75 Mas não não vivo a sós comigo
mirando nalgum lago
esta face intranquila
Olho também e afago
os míseros da vila
80 onde ladrão tu entras
e as casas e a esperança tudo esventras
E no entanto
esquecido de mim há tempo largo
(e até já sobracei amargo cargo)
85 quando os olhos levanto
e me detenho a ver-me
sinto bem no meu íntimo a suspeita
de que sob a epiderme
a toupeira que és também me espreita
90 pela calada vem já morde e fere
e é um ferir tão gostoso de verdade
que querendo eu salvar a Humanidade
nem a mim próprio salvarei sequer
Donde vem este tédio
95 esta névoa interior que mais se adensa
ó mar danado o assédio
da descrença
em tudo quanto existe se algo existe
O que me faz querer ser assim triste
100 como se outra coisa não pudera
Será a clausura austera
que me impõe mar a tua infinidade
Serão os soporíferos embalos
das ondas com que finges liberdade
105 a móvel imobilidade
dos húmidos cavalos
É por isso também que preso a essa
moldura rendilhada da tua espuma
o meu país tabético tropeça
110 e não vai tal como eu a parte alguma
Doentes os pulmões um pus venéreo
roendo é um pobre velho na reforma



Este chão é pior que um cemitério
já nada cria já nada transforma
115 Tocado pela baba traiçoeira
da tua raiva ó cão de lés-a-lés
nem deixou germinar a sementeira
tão promissora que era do ano dez
Quero fugir fugir do meu país
120 ir contigo Miguel ver outras rotas
ou contigo Amadeu até Paris
sair deste convívio com gaivotas
caseiras a esvoaçar a esboçar planos
voltando sempre ao mesmo chão maldito
125 Mas de asas molhadas tantos anos
ninguém se pode alçar ao Infinito
Uma força maior ata-me ao chão
como se o chão crescesse e eu minguasse
Um e outro pulmão
130 sinto-os queimando acesos como brasas
É como se as puxasse
mas nascessem p´ra dentro as minhas
asas
Libertei-me dos deuses e de Deus
dos amigos da amante da rotina
135 da hipocrisia deste grande amor
Como ideais servem-me bem os meus
Curei Mas não encontro medicina
para vencer a minha própria dor
Um deus qualquer ficou p´ra urdir a
trama
140 e seduzir-me ao sepulcral abismo
É por isso que a tua voz me chama
ó mar doentio E eu cismo
se hei-de ceder ao teu cicio doce
e deixar-me cair na goela ingente
145 como se tudo fosse
mero acidente
Mas não não vais ter sorte
Quero os louros da minha própria morte
e quero que tu saibas saibam todos



150 que lá por ter nascido na Vergada
ninguém
nem nada
ninguém me vergará por quaisquer
modos
Ri-se de ti oceano quem detém
155 como eu nas mãos este poder inglório
Aqui no consultório
ou por receita ao meu alcance
venenos posso obter que num relance
se revelem letais e fulminantes
160 São barbitúricos tranquilizantes
são anti-histamínicos cloral
morfina estriçnina digital
é petidina (e basta grama e meio
para cair redondo ali em cheio)
165 Mas merece esta vida prostituta
a socrática honra da cicuta
Não me serve essa porta de saída
quero bater com ela com violência
quero acordar a torpe sonolência
170 desta vilinha apenas sacudida
pelo arfar do comboio pachorrento
que a vai decapitando hora após hora
com requintes de algoz sanguinolento
O comboio Que ideia sedutora
175 Touro bravo com força desmedida terá
toda a emoção das coisas raras
lidá-lo a ele e não lidar a vida
pegá-lo com denodo assim de caras
Aqueles que a Fortuna ruim deserda
180 que de tão pobres farrapos são
que perderão
em serem merda
uma papa que diga todo o horror
da mentira que somos
185 da vaidade que pomos
no invólucro exterior
Fique ao menos a arte e o decoro



daquele gesto ousado do toureiro
ousado e aventureiro
Eh touro
É fácil vê-lo aqui desta janela
passando a escoucinar tão furibundo
Chegar porém à beira da cancela
p'ra mim é o mesmo que ir ao fim do
Mundo
195 Figadal inimigo (figadal
no sentido mais próprio da palavra)
ata-me a este leito há um ano e tal
e a febre que em mim lavra e me
escalavra
não me deixa descer Bandeira Coelho
200 e ir fazer uma festa
entre os cornos da besta
Este corpo está velho
como um velho planeta
já farto de rolar
205 A minha carne infecta
já a veio aqui a Morte farejar
e ao ver-me assim
convocou p'ró festim
os vermes da comarca
210 Ri-se a parva da Parca
deste final sem brilho
mas eu não tenho medo
conservo alguma força neste dedo
e naquela gaveta há um gatilho
215 Vai ser a confusão na Outra Banda
quando eu atravessar o Infinito
montado em cima de um meteorito
esta bala execranda
com alguns meses de antecedência
220 O Deus Perfeito
vai esgotar a sua paciência
vai achar ousadia este meu feito
e não vai entender que a mim me importe
que assim tão sentida



225 eu tenha querido dar sentido à vida
e agora queira dá-lo à minha morte
Se não posso eximir-me à própria dor
se de mim já não pude ser autor
quis sê-lo do que escrevo de maneira
230 a assinar esta linha derradeira
É só trocar pela pistola a pena
e encerrar a cena
Mas se não treme o espírito blasfemo
com este pobre corpo sem amparo
235 eu tremo sim eu tremo
só com pensar se falho o meu disparo
Entre a fé e a descrença espero mudo
Só te ouço a ti ó mar rolando a esmo
Era de mais falhar na vida tudo
240 falhar a morte mesmo
Tu ficarás Atlântico um exemplo
uma prova de quanto é infundo o tédio
Pela última vez eu te contemplo
e penso como sempre ao ver-te ó mar
245 que o remédio
o remédio é naufragar



Notas

Versos 30/32

Sobre Espinho está caindo uma bruma pesada, parda, e no meu espírito, está-se formando uma névoa gris, fria, álgida, húmida — como tédio. Este céu imóvel como a tampa de uma imensa sepultura, se nos deixa respirar os pulmões, não nos deixa respirar a alma. (Carta a Amadeu de Sousa Cardoso, 23/10/1907)

Versos 45/48

Tudo gris, imundamente gris! O céu gris, a terra parda! a atmosfera parda! (Diário Íntimo, 6/5/1908) Sinto que a vida é igual e parda, como uma planura gris e sem fim que temos de atravessar debaixo de um céu abafado e sujo. (Diário Íntimo - 28/6/1908)

Versos 49/50

M. L. proferiu, um ano antes da sua morte, uma conferência, no Teatro Aliança de Espinho, sobre a protecção da vila contra as investidas do mar.

Verso 70

Afinal, amigo, eu também nasci místico; e, quando se nasce místico, o remédio é satisfazer a sede do ideal. (Carta a António Carneiro, 7/1/1908)

Verso 71

Manuel Laranjeira sofria de tabes, doença que se caracteriza por uma ataxia progressiva dos membros locomotores. (Cf. nota 6 do «Prefácio» do Diário Íntimo, por José Manuel de Vasconcelos)

Verso 72

Meu irmão tosse: suspeito de uma tuberculose. (...) E, como eu tenho tosse também, começo a pensar que morro e que

esta tosse pertinaz é o começo do fim... (Diário Íntimo - 19/3/1909) Imagine você: uma tosse esquisita e pertinaz que me traz os nervos desmoralizados; umas dores surdas por todo o peito; a lembrança de quatro irmãos e de meu pai que morrera de tuberculose. Tudo isto avolumado no meu espírito apreensivo — calcule! (Carta a Amadeu de Sousa Cardoso - 24/11/1909)

Verso 73

Quanto a saúde — esta sífilis não me larga. Com este tempo glacial que corre ela medra a despeito de todos os mercúrios que eu lhe atiro. (Carta a Luís Pinto Ribeiro, 5/3/1904)

Verso 75

É verdade que eu vivo (e sofro, é claro) mais pelos outros do que por mim. (Carta a Amadeu de Sousa Cardoso, 10/12/1905)

Versos 78/81

O mar está invadindo a povoação e já tem arrastado consigo alguns palheiros de pescadores miseráveis. E veja, amigo: cardumes de brasileiros a gozar o espectáculo! E o mar sem devorar um deles sequer! São inamovíveis. (Carta a Amadeu de Sousa Cardoso - 24/12/1905)

Verso 84

Em Agosto de 1911, Manuel Laranjeira foi eleito Presidente da Comissão Municipal Administrativa de Espinho.

Versos 87/90

Dia de tédio e de enfermidade. Passo a fazer o balanço da minha vida e uma das conclusões é que me não restam muitos meses para viver... Se este diagnóstico é exacto, e vou passar a examinar friamente, glacialmente, se o é, este transe está passado. Claro: neste momento não sinto desejos de

morrer, mas a possibilidade de morrer breve deixa-me insensível como se se tratasse do facto mais banal e insignificante...(Diário Íntimo - 23/8/1908)

Versos 94/98

Eu sou um filho deste século, deste século de tristeza, de ansiedades impossíveis de satisfazer — de tédio, em suma.(Carta a Amadeu de Sousa Cardoso, 24/12/1905)O meu grande mal, amigo, é este apenas — estar eu perdendo a fé em tudo e em todos. (Carta. a António Carneiro, 4/10/1907)

Verso 99

Invade-me a infinita tristeza da existência, o tédio infinito da vida, dos homens e das coisas.(Diário Íntimo - 3/6/1908)

Versos 109/110

Eu, por mim, não sei, não sei: em boa verdade, amigo, não sei para onde vamos. Sei que vamos mal. Para onde? Para onde nos levarem os maus ventos do destino. Para onde? Vamos... (...) Portugal atravessa uma hora indecisa, gris, crepuscular, do seu destino.(Carta a Miguel de Unamuno, 28/10/1908)

Verso 118

Veja-se, pelos extractos seguintes, o quanto se encantou e pouco depois se desencantou Manuel Laranjeira com o advento da República:Manuel Laranjeira, republicano, amava a República fervorosamente. (...) Com a ingenuidade infantil, que todos os seus amigos lhe conheciam nas horas de satisfação (horas raras, raríssimas para ele...), no dia da proclamação da República abraçava os amigos, que então o acompanhavam, de cinco em cinco minutos.(João de Barros, in Presenças Eternas, Livraria Sá da Costa, 1943)Fez-se a revolução, Foi uma verdadeira revolução? Não;

foi apenas um povo que mudou de traje. Por dentro estamos na mesma.(Carta a Miguel de Unamuno, s/d, in Orlando da Silva, Manuel Laranjeira 1877 - 1912)

Verso 121

A minha única esperança ainda é Paris, o mundo onde se vive, onde se sente, onde se pensa, onde se trabalha.(Carta a Amadeu de Sousa Cardoso, 1/1/1905)A sua notícia da ida para Paris veio criar em mim uma coragem como há muito a não sinto. É decisivo: irei consigo...(Carta a Amadeu de Sousa Cardoso, 13/9/1906)

Versos 125/126

Cai um nevoeiro que nos põe os nervos como lama. Desce, envolve tudo. E a alma gris e paralisada sente-se como aquelas aves que, de asas molhadas, tentam debalde voar pelas alturas e não conseguem senão arrastar-se pela terra.Esta atmosfera molhou-me as asas. O remédio é ficar-me aí para um canto, como as aves que não podem voar, a tiritar arripiado, nostálgicas e aborrecidas.(Diário Íntimo - 23/7/1908)Engaiolado e com ânsia de libertar-me e voar...Voar... — com as asas molhadas ninguém pode voar.(Diário Íntimo - 8/9/1908)

Verso 127

A minha mocidade é isto já agora — servir de estaca à velhice da minha mãe. A pobre velha, que tem duas religiões, a de Deus e a minha, que é fanática pelo Senhor e por mim, não me pode ouvir dizer que devia ir agora para Paris. Para ela a minha ida para Paris equivale à ida da minha alma para o Inferno.(Carta a Amadeu de Sousa Cardoso, 26/1/1907)

Versos 133/135

Tive hoje mais uma vez ocasião de constatar que mais do que contra os inimigos é preciso estar-se prevenido contra os amigos. A amizade, como o amor, é uma forma de egoísmo. Um homem nunca é amigo de outrem senão pelas vantagens que lhe advêm dessa amizade. É por isso que a amizade que os outros me professam me está sendo insuportável.(Diário Íntimo - 11/5/1908) Antes de deitar-me, rasgo cartas de amigos que já o não são... E sinto uma alegria selvagem, impiedosa, cruel, de quem se liberta definitivamente de sentimentalismos inúteis... Sinto-me mais forte, mais só e mais forte. Na alma alvoreja-me uma esperança de que poderei um dia libertar-me de todos os homens e ficar só comigo.(Diário Íntimo - 10/7/1908)Diálogo entre ele e Augusta:— Então este amor não te dá a felicidade? — Dá: mas rouba-me a liberdade! Sou feliz, mas não sou livre. (Diário Íntimo - 31/7/1908)Cá está a Augusta a fitar-me daquela maneira esquisita e o sorriso mal sufocado... Tenho a impressão de que esta rapariga se burla de mim, e lá por dentro se está rindo à minha custa. Oxalá! Seria sinal de que me não ama e que me veria livre dela — e só, só como um deus! Porque afinal para mim o pior de tudo é a hipocrisia deste "grande amor".(Diário Íntimo - 12/3/1909)

Versos 137/138

E o que surdamente me enfurece é, como médico, saber qual é o mal que corrói e não poder dar-lhe remédio.(Carta a Amadeu de Sousa Cardoso, 1/12/1905)

Versos 154 a 164

Não seria imaginável que um médico se suicidasse do mesmo modo que aquela



rapariga (que no Diário Íntimo é referenciada como "G. — a morta") e que, em consequência de uma paixão frustrada por Manuel Laranjeira, ingeriu cabeças de fósforo diluídas em aguardente. Atente-se nesta referência: Agora passo os dias a espreitar os efeitos que em mim produz a estricnina. Creio que, em vez de tonificar-me, me deprime. Singularidades da terapêutica médica! (Carta a João de Barros, 22/5/1905)

Versos 195/197

No começo do ano passado adoeci com uma febre hepática que me prostrou na cama e creio até que me levará à morte. (Carta a Miguel de Unamuno, 15/2/1912)

Verso 199

A Rua Bandeira Coelho correspondia à actual Rua 19.

Versos 202/205

...sinto a mocidade arrefecer-me, como um velho planeta já farto de rolar. (Carta a Teixeira de Pascoaes, 4/9/1904)

Verso 225

Já vê você que eu dou um sentido à vida, que ainda me creio com razão (ilusão talvez, talvez mentira, talvez ideal) para viver. (Carta a Amadeu de Sousa Cardoso, 10/12/1905)

Versos 229/232

Manuel Laranjeira tinha prometido: Isto há-de acabar mal decididamente. (Carta a Amadeu de Sousa Cardoso, 9/7/1910)

Verso 246

Cheia de tédio e pesar responde minh'alma triste:—O remédio é naufragar!
(in Comigo)



ÍNDICE

O remédio é naufragar.....	3
Notas.....	10

Colecção

digit@lmente

Título: **O REMÉDIO É NAUFRAGAR**

Autor: **EDGAR CARNEIRO**

Edição em Formato Livro: **Abril de 1998**

Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Colecção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997